

Almirante Douglas Verissimo, novo comandante da Força Aérea Naval dos EUA do Atlântico

“Tenho grande orgulho na minha ascendência portuguesa, das ilhas açorianas Terceira e Pico”

POR FRANCISCO RESENDES, NOS EUA

O almirante Douglas Verissimo, com raízes açorianas das ilhas Terceira e Pico, é natural de Falmouth, Massachusetts tendo-se formado em 1987 pelo Cape Cod Community College com diploma de associado em Artes e Ciências.

Logo a seguir inscreveu-se no programa de cadetes de Aviação Naval tendo posteriormente recebido a sua comissão e designação como aviador naval em julho de 1989.

Adquiriu o bacharelato em matemática aplicada pela California State University em Fresno e mestrado em Ciências e Planeamento e Estratégia de Campanha pela California State University e pelo Colégio do Estado-Maior das Forças Conjuntas tendo-se também formado no Programa de Energia Nuclear da Marinha.

As suas atribuições operacionais incluem o Esquadrão de Caça de Ataque (VFA) 25 “Fist of the Fleet”, oficial de catapulta e equipamento de detenção a bordo do USS John C. Stennis (CVN 74); chefe de departamento dos “Blue Blasters” da VFA-34, comando dos “Gunslingers” da VFA-105; oficial executivo a bordo do USS Theodore Roosevelt (CVN 71) e oficial comandante do USS New Orleans (LPD 18) e do USS Carl Vinson (CVN 70).

As atribuições de serviço em terra de Verissimo incluem serviço de instrutor no VFA-125, um piloto de demonstração do Esquadrão de Demonstração de Voo da Marinha dos EUA, Blue Angels; assistente executivo do Comandante das Forças Aéreas Navais do Atlântico e do Estado-Maior Conjunto J3, onde atuou como chefe da divisão de coordenação de força conjunta/planos estratégicos.

Já foi distinguido com Medalha de Serviço Superior de Defesa, Legião de Mérito, Medalha de Serviço Meritório de Defesa.

Douglas Verissimo é desde agosto deste ano o novo comandante da Força Aérea Naval dos EUA do Oceano Atlântico, responsável por seis porta-aviões com propulsão nuclear, 54 esquadrões de aeronaves, 1.200 aeronaves e 43.000 oficiais, inscritos e civis baseados na Costa Leste dos Estados Unidos. Fornece às forças aéreas navais sustentáveis e prontas para o combate o pessoal devidamente trei-



nado e equipado, com foco na prontidão, excelência operacional, segurança e recursos eficientes.

Em entrevista, via telefone, ao *Portuguese Times*, a partir da sua base de operação, em Norfolk, Virginia, começou por referir a sua ascendência lusa (açoriana).

Meu tetra-avô chegou aos EUA num barco baleeiro

“Sou lusodescendente. Meu pai era 100 por cento português e a minha mãe era de ascendência inglesa, escocesa e sueca, mas devo referir que os meus avós paternos tiveram grande influência na minha educação e este nome Verissimo vem de parentes que tinha nas ilhas Terceira e Pico e o meu tetra-avô chegou em New Bedford num barco baleeiro e parte da família que veio depois trabalhou arduamente na indústria têxtil”, começou por dizer ao *Portuguese Times*, o contra-almirante Douglas Verissimo, em Norfolk, Virginia.

Desde muito novo sentiu em si a vocação por aeronaves e pela marinha.

“Recordo que nos meus tempos de juventude, ainda em Falmouth, Cape Cod, fascinavam-me aquelas máquinas voadoras, os “Thunderbirds” mesmo ali na base aérea de Otis e apaixonei-me logo por aviões e penso que o facto de ter vivido muito perto do mar teve alguma influência em mim e por esta apetência pela marinha, até porque o meu avô paterno açoriano tinha um pequeno barco onde costumávamos



pescar e tudo isto pesou na minha vocação pelo mar e pelos aviões”, recorda Doug Verissimo.

Para este lusodescendente assumir o comando da Força Aérea Naval dos EUA no Oceano Atlântico, é o corolário de uma longa e reconhecida carreira.

“Tive uma carreira diversificada e polivalente desde que me envolvi na marinha e devo dizer que desempenhei diversos cargos mas agora comandar a Força Aérea Naval norte-americana do Atlântico é realmente a minha vocação, ou seja, voltar às minhas raízes de lidar com aviões da força aérea, mas tenho desempenhado outros cargos, como por exemplo, comandar um porta-aviões, trabalhar no Pentágono e exercer outros tipos de trabalho que não era bem aquilo que fui habituado desde muito novo, mas agora encaro isto como uma oportunidade de trabalhar com jovens que partilham esta mesma minha vocação de pilotar estes aviões e que desempenham correctamente o seu papel”.

Os grandes desafios de uma operação do Atlântico são diversos e a fase de pandemia afetou também esta atividade!

“Estamos a trabalhar arduamente para o regresso à atividade normal, quer em termos de manter uma regularidade no acesso aos mantimentos e tudo aquilo que é necessário para manter esta frota activa e bem apetrechada e regressar aos tempos de pré-pandemia para respostas mais eficazes e no seu devido tempo.

O outro grande desafio é recrutar mais jovens para a marinha e reconhecer que não é uma tarefa fácil, mas também o que constato agora é que outros serviços como por exemplo, polícias, bombeiros e membros militares

deparam-se com as mesmas dificuldades de recrutamento e um dos meus objectivos nesta missão é falar com os jovens, mentalizá-los para a nobreza desta atividade, defender este grande país”, esclarece o almirante Douglas Verissimo, embora sublinhe que a sua missão não é especificamente recrutar novos membros.

E adianta: “Sou responsável por treinar essas pessoas, fornecendo adequadamente todo o tipo de equipamento na marinha, nomeadamente os porta-aviões e navios, assegurando que tudo está devidamente operacional ao nível exigido”, sublinha Doug Verissimo, cuja missão é comandar em terra, a partir de Norfolk, Virginia e não necessariamente integrando a frota de um porta-aviões.

Escusando-se a comentar sobre futuras operações, o que naturalmente se compreende por razões de sigilo que esta atividade exige, Verissimo confidencia que alguns porta-aviões e os seus respetivos grupos de ataque neste momento estão em missão na Europa (USS Gerald R Ford) e no Oceano Pacífico (USS Ronald Reagan) e outros navios de guerra estão sempre preparados para qualquer eventualidade. “Não há sentimento mais nobre e satisfatório do que voltar a casa sempre que uma missão seja cumprida com sucesso”, afirma o almirante lusodescendente, esclarecendo que num dia normal de uma missão, um porta-aviões faz-se acompanhar de quatro ou cinco navios, compreendendo um total de 6 mil pessoas, marinheiros, pilotos das diferentes aeronaves e todo o tipo de pessoal desempenhado os mais diversos cargos.

Já na parte final de uma conversa de aproximadamente 15 minutos, o almirante Douglas Verissimo sublinha:

“Tenho grande orgulho da minha herança étnica e cultural lusa, embora não tenha aprendido a língua, mas fui crescendo com esses hábitos da nossa gastronomia, como as Sopas do Espírito Santo, a massa sovada, os enchidos portugueses, o vinho e devo dizer que há muito de português em mim por essa via”, conclui o almirante Douglas Verissimo.